

CULTURA EM RETALHOS

ROTEIRO PARA ORGANIZAÇÃO DE MOSTRA MULTICULTURAL NA ESCOLA



Mestranda: Lisiane Inchauspe de Oliveira

Orientação e supervisão técnica: Prof^ª Dr^ª Vera Lúcia Cardoso Medeiros

Colega professor:

Este produto pedagógico integra a pesquisa realizada no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Línguas da Universidade Federal do Pampa- Unipampa, que originou a dissertação intitulada **A leitura literária como estratégia para a reflexão sobre o multiculturalismo na sala de aula.**

O trabalho é fruto de anos de observações, temores, surpresas, aprendizados, incertezas e alegrias com os quais me deparei em minha escola do coração. Num ambiente de fronteira onde se encontram influências ainda muito fortes de vários modos de ser e ver o mundo, norteados por culturas distintas, é impossível não pensar em formas de valorizar tais questões na escola. O letramento literário pode ser uma excelente ferramenta.

Procurei resumir as questões teóricas que ampararam a pesquisa e a elaboração deste produto. Caso desejes aprofundar a leitura, buscar mais sugestões de textos e atividades, conhecer como se deu a minha experiência, além das referências ao final, convido-te a ler a minha dissertação, disponível no Repositório da Unipampa.

Ofereço este material para todos aqueles que, como eu, preocupam-se com a necessária formação de leitores literários e com a preservação e a valorização da memória, da história, dos costumes e crenças das famílias que compõe uma comunidade escolar.

Este instrumento não está acabado. Talvez nunca fique. Mas percebo nesta incompletude a sua melhor característica: ele pode servir a muitos professores e alunos, sendo ampliado, expandido, alterado e, enfim, melhorado conforme sua utilização em diferentes lugares, com outros textos e atividades, para que contemple o maior número possível de pessoas. Fique à vontade para utilizar as ideias destes retalhos que tentei reunir e para contribuir com os que tiver, quer sejam seus, quer sejam de seus alunos e famílias.

Com muito afeto,

Lisiane

1. O QUE É CULTURA?

A definição do que seja a cultura engloba uma longa história, amplos debates e muitas opiniões contrárias. É comum ouvirmos frases como: “Maria não tem cultura”, “*Funk* não é cultura” ou “José é uma pessoa culta, viaja e lê muito”. A variedade de manifestações culturais presentes e possíveis entre o povo brasileiro não raro encontra estas opiniões desatualizadas que associam a cultura ao que é mais caro, mais raro, erudito e que não está acessível a todos.

Para entender o que é a cultura, é importante lermos e refletirmos sobre o que trazem os teóricos da área, bem como compreender a dificuldade que existe para a completa delimitação do conceito:

Uma compreensão exata do conceito de cultura significa a compreensão da própria natureza humana, tema perene da incansável reflexão humana. (LARAIA, 2001, p. 63).

Para Bosi (1992), a cultura pode ser entendida como uma herança de valores e objetos, compartilhada por um grupo humano homogêneo. Já Canclini (2005) entende que a cultura envolve processos sociais de significação e de produção, circulação e consumo da significação na vida social. Laraia (2001) acrescenta que a cultura é o conjunto de conhecimentos, crenças, arte, moral, entre outros costumes e hábitos que o homem adquire como membro da sociedade.

É importante destacar que estas teorias têm em comum o entendimento de que:

- a. Culturas envolvem padrões de comportamento socialmente transmitidos (crenças, políticas, organização econômica);
- b. A mudança cultural envolve um processo semelhante à seleção natural (como qualquer animal, o homem deve adaptar-se ao meio para sobreviver);
- c. Mudanças adaptativas também estão ligadas à tecnologia, aos meios de produção e subsistência;
- d. Componentes ideológicos podem interferir em diversas formas de controle (de subsistência, de manutenção do ecossistema etc.)

Segundo apresenta Bosi (1992), é muito comum ouvirmos ou utilizarmos a expressão cultura brasileira no singular, como se fosse possível aglutinar todas as manifestações do nosso povo em uma única unidade. Para o autor, uma vez que as culturas se encontram e se misturam, passam a perder a sua (suposta) homogeneidade. Assim, a utilização das expressões “cultura indígena”, “cultura negra”, entre outras, não é perfeitamente adequada.

O autor nos convida a refletir também sobre os contextos de produção da cultura, pelo que temos outro leque de classificações: cultura erudita brasileira (universitária), aquela centralizada no sistema educacional, especialmente no âmbito das universidades; e a cultura popular, que corresponde, de forma básica, à cultura iletrada, característica do homem rústico, sertanejo,

interiorano ou pobre suburbano. É preciso considerar também a cultura criadora, na qual estão artistas, escritores, compositores que não estão integrados a espaços acadêmicos, mas cuja criação é voltada para altos sistemas culturais; por fim, há a cultura de massas, também conhecida como indústria cultural ou cultura de consumo, que tem relação com o mercado de bens de consumo e seus sistemas produtivos.

Professor, pode-se dizer que as culturas não são estanques,
mas movem-se, tocam-se, fundem-se
por meio de cruzamentos, por combinações de aspectos
e possibilidades de flexibilização e expansão.

2. MULTICULTURA OU INTERCULTURA? QUESTÕES POSSÍVEIS.

Há as diferentes maneiras de definir o contato entre culturas peculiares: intercultural, pluricultural, multicultural...

Conforme apresenta Candau (2012) interculturalidade e multiculturalismo são termos que ora se apresentam contrapostos, ora se apresentam como sinônimos. Assim, considerando a amplitude e a polissemia do termo “multicultural”, bem como a recente multiplicação de adjetivos, que busca categorizar a expressão “multiculturalismo” (conservador, liberal, emancipador, entre outros), a autora considera “a interculturalidade dentro do universo do multiculturalismo” (CANDAU, 2012, p. 126).

Canclini (2005) ajuda a interpretar a assertiva de Candau, destacando que a multiculturalidade está relacionada à convivência de etnias com aceitação da diversidade, enquanto que interculturalidade pode ser entendida como o produto das trocas culturais.

A história do nosso país e do nosso povo é permeada de relações interétnicas constantes, por vezes trágicas ou violentas, mas que determinam uma base multicultural muito forte.

Neste sentido, urge um debate importante sobre as questões da multiculturalidade na escola, onde, muitas vezes, se associa o fracasso escolar às origens populares ou à descendência de determinados grupos étnicos, como os afrodescendentes. Assim, afirma a autora que estratégias educacionais de compensação surgem na escola, para “auxiliar” os alunos em suas deficiências culturais, fato que leva à percepção de que existe uma hierarquização das culturas, considerando

que algumas são superiores e outras, inferiores. Porém, é mister compreendermos que não é a cultura do aluno que precisa ser “melhorada” ou mudada, mas a cultura escolar que necessita deixar de lado o modelo hegemônico e monocultural imposto à comunidade (estudantes, professores, famílias).

Candau compreende a educação multicultural como um “movimento reformador destinado a realizar grandes mudanças no sistema educacional” (CANDAU, 2012, p. 38), de forma a favorecer o desenvolvimento de competências que proporcionem ao aluno a aptidão para atuar nos diferentes contextos culturais, na “sua própria cultura étnica, na cultura dominante, assim como para interagir com outras culturas e situar-se em contextos diferentes de sua origem.” (CANDAU, 2012, p. 38)

Professor: Pensando em formas de debater as questões culturais e capacitar o aluno para a alteridade e a interação com os diferentes grupos, trago como sugestão começarmos as atividades relacionadas à construção da mostra pela leitura.

3. O LETRAMENTO LITERÁRIO COMO BASE PARA A REALIZAÇÃO DA MOSTRA

A realidade em que vivemos realmente afeta os hábitos das pessoas, em especial dos alunos, que já não valorizam a leitura como fonte de informação e lazer, porque dispõem de muitos outros recursos para pesquisa e leitura, recursos esses que apresentam uma linguagem bastante acessível e dinâmica. Dessa forma, amplia-se a necessidade da promoção da leitura literária na educação básica.

Paulino e Cosson (2009) definem letramento literário como “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (2009, p. 67), ou seja, um processo que leva a dar sentido ao mundo através de palavras lidas, interpretadas e ressignificadas por nossa leitura pessoal. Esse letramento será feito por meio de questionamentos ao texto, do exame minucioso de seus significados, e do diálogo que o leitor promove entre aquele texto e outros que já conhece. Como consequência desse letramento, forma-se o repertório do leitor.

Segundo nos apresenta Cosson (2007), a literatura é uma experiência a ser realizada, um exercício que nos permite vivenciar outras vidas, sabores e cores humanas por meio da linguagem. Quando lemos, incorporamos o outro, mas, mesmo rompendo limites de espaço e tempo, não deixamos de ser nós mesmos. Essa vivência humana tão rica que é a leitura e que nos possibilita

alcançar outros mundos, experienciar a compreensão do outro sem, no entanto, romper com aquilo que somos, precisa ter e manter o lugar de destaque nas escolas.

Professor, é adequado iniciar reflexões sobre a cultura por meio da leitura literária, o que pode favorecer as percepções dos alunos sobre si mesmos e sobre os outros; despertar aspectos afetivos; pode motivar os alunos a participarem e enriquecer o trabalho na sala de aula.

4. A SEQUÊNCIA BÁSICA DE LEITURA:

Como base para a montagem da mostra multicultural, sugiro a utilização da sequência básica de leitura sugerida por Cosson (2007). Segundo o autor, esse tipo de sequência não deve ser um limite para o professor, ao contrário, consiste em uma possibilidade de organização das estratégias de leitura. A sequência básica de leitura consiste em quatro passos: a motivação, a introdução, a leitura e a interpretação.

A motivação consiste na realização de uma prática (cujo limite é criatividade do professor) que permita o sucesso inicial para o encontro do leitor com a obra, ou seja, a motivação é a atividade responsável pela preparação para a leitura, pelo estabelecimento de laços entre o leitor e o texto. Há vários exemplos de atividades que podem servir de motivação para a leitura na sala de aula, como a utilização de notícias, músicas, poemas, debates orais ou atividades escritas anteriores à apresentação do texto selecionado e capazes de servir como uma atividade de sensibilização e preparação para a leitura.

O segundo passo sugerido é a introdução, quando ocorre a apresentação do autor e da obra. Não deve ser muito extensa, uma vez que seu objetivo é permitir a recepção positiva da obra e estimular a curiosidade, reforçando a motivação dos alunos para a leitura. Neste momento, uma boa estratégia pode ser levar os alunos até a biblioteca e apresentar a obra física, chamando a atenção para leitura da capa, da orelha e de outros elementos capazes de introduzir uma obra. Por meio da introdução, o professor pode justificar positivamente aos alunos os motivos da escolha de um determinado texto e expor as qualidades de uma obra.

A terceira etapa, logicamente essencial para uma proposta de letramento literário, é a leitura e seu acompanhamento pelo professor. O acompanhamento é necessário porque a leitura deve ter uma direção e um objetivo a cumprir. Assim, o professor acompanha o aluno

não no sentido de verificar se o livro está sendo lido realmente, mas para acompanhar o processo e auxiliar o aluno nas dificuldades (destaque para as dificuldades relativas ao ritmo da leitura). A leitura pode ser realizada com intervalos que constituem momentos de reflexão ou paradas programadas para o desenvolvimento de atividades ou debates específicos sobre capítulos ou em função de outros textos capazes de promover a intertextualidade com a obra selecionada. Pode ser feita em qualquer espaço, individualmente, em duplas, em pequenos grupos, conforme a turma se sintam mais à vontade.

Por fim, o último passo para a sequência básica é a interpretação. Dentro do letramento literário, a interpretação passa por dois momentos: um interior e outro exterior. O momento interior acompanha a decifração do texto, constitui “o encontro do leitor com a obra” (COSSON, 2007, p. 65), possui caráter individual, é um momento pessoal e íntimo de cada leitor, embora esteja exposto a influências, uma vez que se trata de um ato social. A exteriorização da interpretação pode ocorrer de várias formas: por meio de uma releitura, oralmente, em um debate, enfim, da forma que melhor favorecer a troca de ideias e a ampliação dos sentidos que foram construídos de forma individual.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES PREPARATÓRIAS À MONTAGEM DA MOSTRA:

Módulo 1:
Objetivos: Refletir sobre o conceito de cultura e delimitar um conceito da turma.
<p>1. Atividade diagnóstica (02 horas-aula): Debater com os alunos o que é cultura.</p> <p>Uma atividade interessante e estimulante pode ser a dinâmica chamada “O que penso ou sinto sobre...”</p> <p>Consiste em colar diversas imagens coloridas no quadro e depois convidar os alunos a opinar sobre aquela imagem que mais lhe chamou a atenção.</p> <p>O professor pode trazer imagens distintas como a reprodução de uma obra de arte, a foto de um museu, crianças brincando, carnaval, trabalhos manuais, e estimular os alunos a opinarem se aquelas imagens representam ou não a cultura.</p> <p>O professor pode registrar as opiniões por escrito ou gravar um vídeo. Essas opiniões podem</p>

ser comparadas futuramente, depois que os alunos tiverem amadurecido suas ideias sobre cultura.

2. Definição de cultura pela turma (04 horas-aula): Levar os alunos para a biblioteca/laboratório de informática para que busquem uma definição de cultura. Realizar um seminário onde cada grupo apresente suas conclusões. Estimule seus alunos à criatividade: cartazes, imagens, vídeos devem ser bem vindos e aproveitados!

3. Ao final, as definições podem ser comparadas e combinadas, a fim de que se encontre um significado mais amplo possível para o termo. Essa será a definição de cultura da turma.

Módulo 2:

Objetivo: Promover a reflexão dos alunos sobre suas identidades culturais

1. Motivação (01 hora-aula): Apresentar uma canção que retrate a variedade cultural de nosso país.

Sugestão: Aquarela do Brasil (Ary Barroso)

Entregue cópias da canção aos alunos. Ouçam a canção. Reserve alguns minutos para a leitura individual e silenciosa. Oriente os alunos a lerem mais de uma vez, a identificar imagens e sentidos individuais no texto, a anotarem palavras desconhecidas. Incentive o debate. Faça perguntas:

“Por que a canção tem o título de Aquarela do Brasil?”

“Que temas são abordados na canção?”

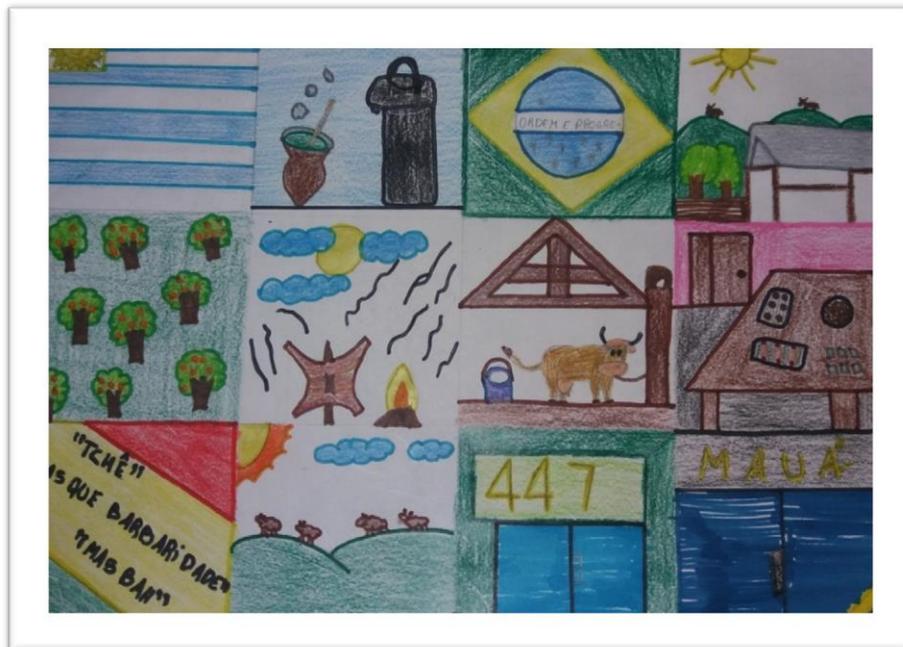
“Observando os aspectos culturais, religiosos e sociais presentes na canção, que etnias podemos reconhecer?”

2. Expressão artística (02 horas-aula): Aproveitando as inferências dos alunos sobre a

canção, incentive-os a pensar em suas famílias e antepassados, em seus costumes, crenças, modos de viver. Escreva no quadro questões como: “Quem sou? Onde vivo? Quem me cerca? Em que somos iguais? Em que somos diferentes?” Disponibilize materiais de pintura e folhas brancas. Os alunos deverão dividir a folha em 12 quadrinhos de 5 cm x 5 cm. Cada quadrinho deverá ser preenchido por desenhos e palavras que simbolizem as respostas às questões

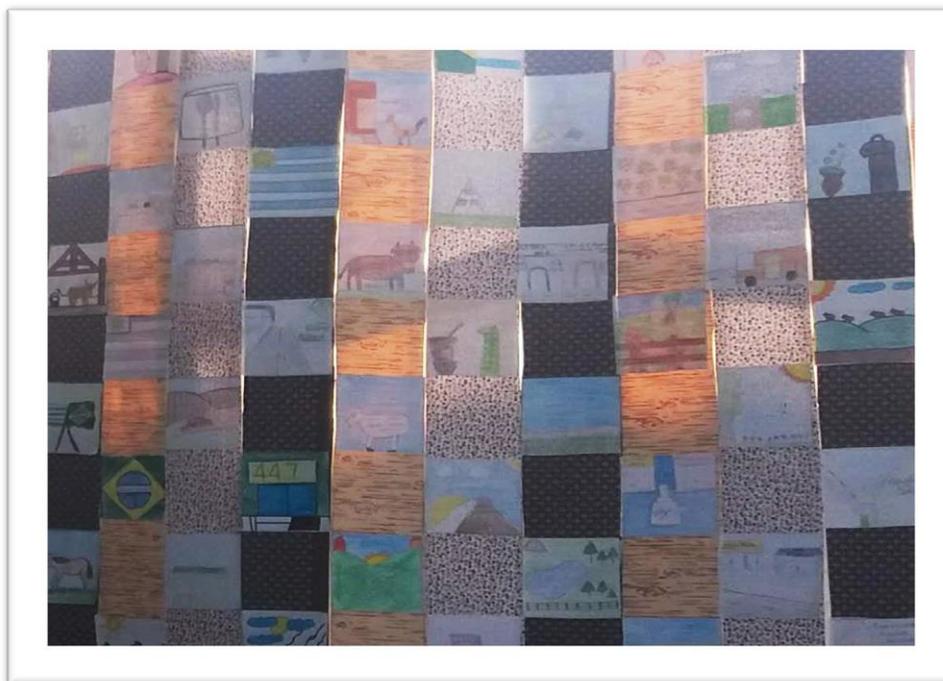
3. Montagem da colcha de retalhos culturais (01 hora-aula): Os desenhos serão recortados e misturados, como em uma colcha de retalhos, e farão parte de um grande painel que representará a diversidade que existe no teu ambiente escolar.

Imagem 1: Exemplo de quadrinhos feitos pelos alunos



Fonte: Autora, 2018.

Imagem 2: Exemplo de colcha pronta



Fonte: Autora, 2018.

Módulo 3:³

Objetivos: Realizar as leituras, ampliando o conhecimento dos alunos a respeito das etnias e culturas, sua história e vivências, com vistas à montagem da mostra.

1. Escolha os textos. Lembre-se que, para motivar os alunos, é importante contextualizar a leitura com seus conhecimentos prévios e interesses. Tu já conheces um pouco da identidade deles, isso pode auxiliar na escolha dos textos mais adequados.
2. Crie um ambiente convidativo para a leitura. É possível reorganizar a classe em duplas ou pequenos grupos, em círculo no chão, ler na biblioteca ou mesmo à sombra de uma árvore.

³ Este módulo será repetido tantas vezes quantos forem os textos selecionados.

3. Siga o passo a passo da sequência de leitura.

Motive os alunos com uma canção, uma notícia, algumas imagens ou mesmo um debate.

Introduza a leitura apresentando o autor e a obra, de forma breve.

Convide os alunos a lerem, primeiro individual e silenciosamente. Depois, convide-os a lerem em voz alta, faça uma leitura expressiva para eles, use um podcast ou vídeo com recursos que auxiliem a compreensão.

Instigue a interpretação. Questione, promova o debate, ajude o aluno a alcançar sentidos mais profundos do texto, estimule-o a participar, compartilhando os sentidos individuais. Use a criatividade, estimule as releituras, as escritas, as paródias, a produção de vídeos e fotografias, conforme os objetivos da leitura.

Segue o exemplo de módulo que apliquei, utilizando a sequência básica de leitura:

MÓDULO – O NEGRO, SUA HISTÓRIA E CONTRIBUIÇÕES: ESCRAVIDÃO, QUILOMBOS E OS DIAS ATUAIS

TEXTO: “O prejuízo”, conto de Valdomiro Martins (ANEXO 01)

Nº DE HORAS- AULA: 02, em um encontro.

ATIVIDADE 1: Motivação

PROCEDIMENTOS PEDAGÓGICOS: Apresentação do curta-metragem “O sabiá”.

OBJETIVOS DA ATIVIDADE: Apresentar aos alunos uma visão diferenciada daquela que trazem a história e a literatura, sobre os negros. O filme representa a realidade dos quilombolas, descendentes de negros escravizados, que tentam manter seus costumes e modo de viver.

ATIVIDADE 2: Introdução: Apresentação do livro e da biografia do autor.

PROCEDIMENTOS PEDAGÓGICOS: Levar o livro até a sala de aula, para que os alunos possam manuseá-lo;

Levar ao conhecimento do aluno a biografia do autor.

OBJETIVOS DA ATIVIDADE: Mostrar aos alunos que outros contos estão reunidos na obra e que podem ser acessados e lidos posteriormente;

ATIVIDADE 3: Leitura do texto

PROCEDIMENTOS PEDAGÓGICOS: Leitura silenciosa individual e leitura expressiva pela professora.

OBJETIVOS DA ATIVIDADE: Praticar as habilidades leitoras por meio de textos que possam ser significativos, com vistas ao desenvolvimento de um comportamento leitor;

Provocar sentimentos, ideias e lembranças relacionadas ao conteúdo do texto, de forma que o aluno possa se identificar com a cultura apresentada.

ATIVIDADE 4: Interpretação do texto e produção textual

PROCEDIMENTOS PEDAGÓGICOS: Os alunos serão convidados a pontuar sobre o tema, fazendo exposições variadas sobre a cultura, a religião, as pessoas que conhecem, a história e as relações construídas em sua comunidade.

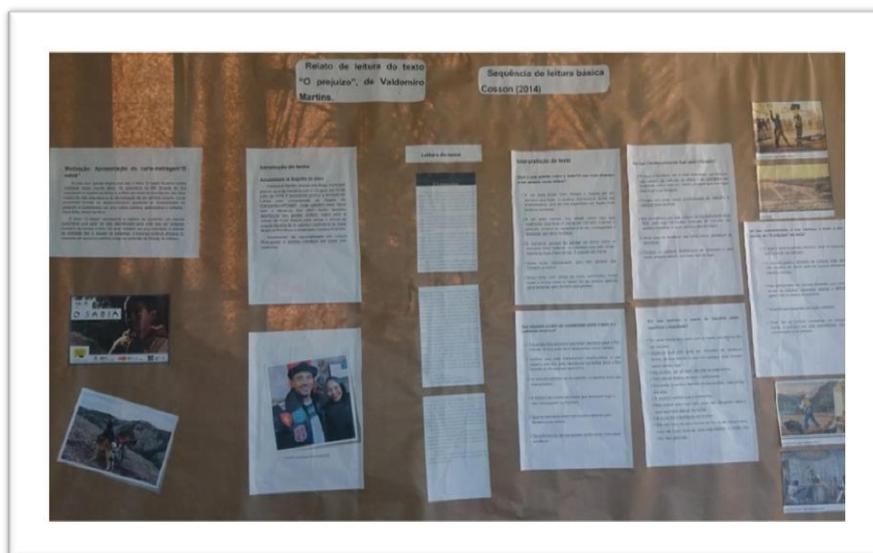
Os alunos serão convidados a produzir um novo final para o conto.

Os alunos serão convidados a produzir um cartaz que integrará a Mostra.

OBJETIVOS DA ATIVIDADE: Promover um momento de reflexão e discussão, onde os alunos possam expor suas opiniões sobre o tema, com vistas à expansão e conexão de ideias.

Promover um debate com os demais, que possa servir de inspiração para a produção textual.

Imagem 3: Cartaz com o passo a passo da sequência de leitura aplicada ao conto “O prejuízo”



Fonte: Autora, 2018.

Módulo 4:

Objetivos: Reunir materiais em vídeo para a mostra, ampliando o conhecimento dos alunos a respeito das etnias e culturas, sua história e vivências.

Após a realização das leituras relacionadas às etnias e culturas, retome com os alunos os conceitos do primeiro módulo. No quadro, enumere aspectos relacionados à cultura: religião, culinária, vestimentas, costumes, lendas, músicas, danças... Estes serão os temas para as entrevistas.

Em duplas ou pequenos grupos, os alunos deverão entrevistar pessoas da comunidade ou familiares que possam contribuir com estas informações.

As entrevistas serão socializadas e debatidas em sala de aula.

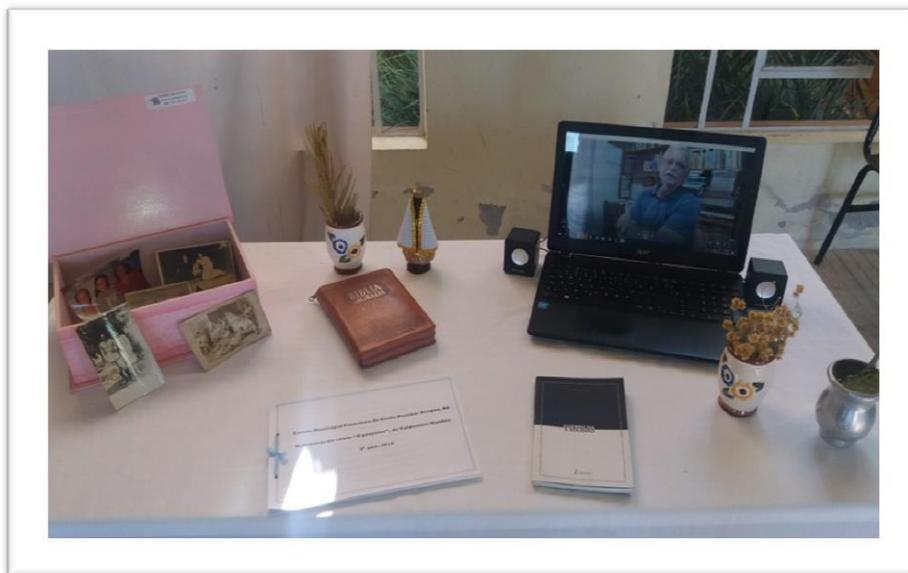
Módulo 5:

Objetivos: Reunir materiais para a mostra, ampliando o conhecimento dos alunos a respeito das etnias e culturas, sua história e vivências.

Após a realização das leituras relacionadas às etnias e culturas, das entrevistas e debates, retome com os alunos os conceitos do primeiro módulo. No quadro, enumere aspectos relacionados à cultura: religião, culinária, vestimentas, costumes, lendas, músicas, danças...

Individualmente os alunos deverão refletir sobre a sua própria cultura e eleger um objeto que a represente. Este objeto, que pode estar acompanhado de um pequeno texto informativo, irá compor a mostra.

Imagem 4: Mesa com objetos representativos das culturas



Fonte: Autora, 2018.

A Imagem 4 traz exemplos de objetos da mostra que realizei na minha escola: fotos, a Bíblia, chás, chimarrão, uma imagem católica e um ramo bento. A caixa de fotos, os copos de louça e a cuia pertenceram às minhas avós. Na mesa grande, coloquei também o livro de

contos de Valdomiro Martins e o livrinho com as releituras dos alunos. No *notebook*, deixei rodando as entrevistas recolhidas por colaboradores.

Módulo 6:

Objetivos: Reunir materiais para a mostra, ampliando o conhecimento dos alunos a respeito das etnias e culturas, sua história e vivências.

Após a realização das leituras relacionadas às etnias e culturas, das entrevistas e debates, retome com os alunos os conceitos do primeiro módulo. No quadro, enumere aspectos relacionados à cultura: religião, culinária, vestimentas, costumes, lendas, músicas, danças...

Converse com os alunos e determinem se os materiais recolhidos são suficientes ou se há outras possibilidades. Alguém dança? Alguém declama? Alguém poderia cozinhar um prato típico para degustação? Alguém poderia vir trajado?

Organize o roteiro destas apresentações com os alunos.

A MONTAGEM DA MOSTRA:

Leituras e debates realizados, vídeos organizados, objetos selecionados, agora é a hora de determinar um dia adequado para a realização da mostra. Ela pode ocorrer junto a um momento festivo da escola ou pode constituir um momento especial.

Junto com os alunos, crie convites e cartazes e distribua na comunidade, convide outras escolas para visitar! Crie uma página na internet para o evento. Pode ser um *blog*, uma página no *Facebook* ou mesmo um vídeo mostrando o *making off*.

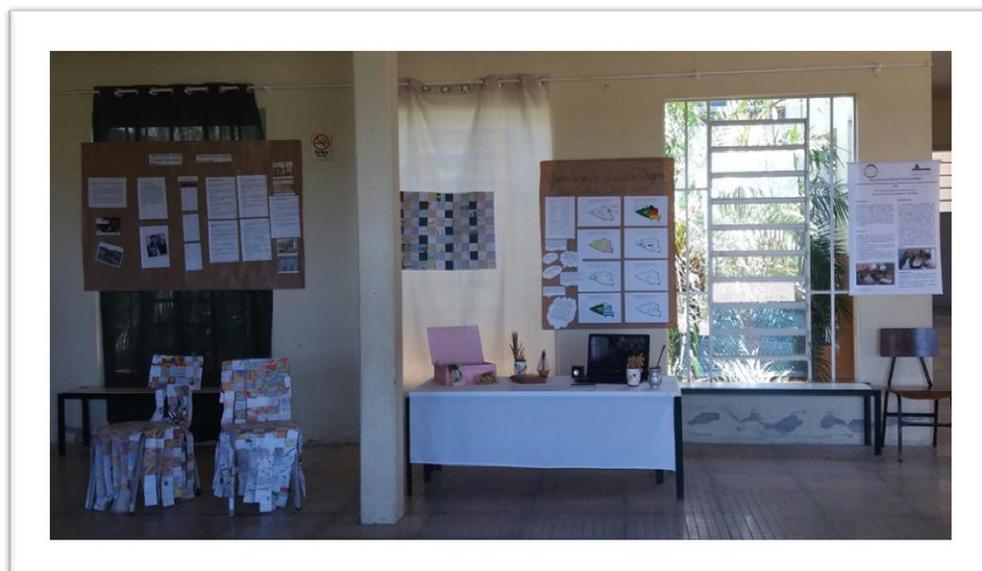
Escolha um bom espaço, traga sua colcha de retalhos, seus cartazes, monte uma mesa bem bonita com os objetos que representam seus alunos, as famílias e a comunidade escolar.

Imagem 5: Alunas organizando a mostra



Fonte: Autora, 2018.

Imagem 6: Mostra organizada no salão da escola



Fonte: Autora, 2018.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. 3ª ed. São Paulo: Schwartz, 1992.

CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

CANDAU, Vera Maria. **Didática crítica cultural- aproximações**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2007.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (Orgs.). **Escola e leitura: velha crise; novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

ANEXO 01

O prejuízo

Valdomiro Martins

Podia-se ver a longa fumaça que saía das chaminés. O cheiro de carniça que vinha do arroio misturava-se ao de carne fervida. O estranho odor dominava as localidades vizinhas. A charqueada do Torto como era conhecida, aos poucos sucumbia à concorrência dos saladeiros uruguaios. Somava-se ao concorrente o preço de mercado do escravo, subira muito desde então. As fugas, o acoitamento, o roubo reduziam ainda mais os números comerciais.

A proximidade com a fronteira aguçava o sonho e a tentação dos cativos de espírito aventureiro ou de fácil influência. Contavam-se histórias passadas, lendas, e incentivos de que, na banda oriental, tudo era melhor. Os mais velhos, os menos encorajados, empurravam aqueles onde a força e a coragem ainda viviam.

Se fosse nos tempos áureos da escravidão, Cândido, negro de olhar observador e prosa fácil, talvez não conhecesse o clima subtropical. No Rio de Janeiro, seu nome estava na lista dos escravos fujões. O último senhor que tivera, conseguiu que ele fosse negociado no Rio Grande do Sul. Assim, Cândido apareceu na charqueada do Torto como uma raridade, um bom negócio. A experiência que ganhara nas fugas, contatos e a vida urbana movimentada deram-lhe uma facilidade em desenvolver assuntos em todas as senzalas em que fora jogado.

Passara-se uma semana apenas e Cândido não aguentava mais o desejo de fugir para a banda oriental. Liberdade, mulheres e até um emprego com salário sobrevoavam a mente de Cândido. Não queria que sua vida terminasse sob os olhos das vacas imprestáveis. Uma região tão larga, onde o horizonte estendia-se no verde infinito dos campos. Grande e vaga demais para seus desejos. Grande era a vontade de conhecer as castelhanas, jogar truço nos botequins e não envelhecer. Precisaria de muita sorte, ao contrário de tantos outros que bichavam naquele lugar repleto de sangue, sal e moscas. A vida animalesca, os castigos e a incondicional submissão não tinham espaço no seu peito. As cicatrizes no rosto, as dores nas costas e a maldita palmatória. Queria deixar tudo. Mas deveria ter cuidado, o coronel Afranildo Ribeiro da Costa Reis era torto, entretanto, com ele, não existia escravo

fujão. No primeiro dia sentira os pesados dedos do proprietário. Há meses que nenhum negro se aventurava numa fuga.

A senzala ficava próxima ao matadouro. Cândido pensou, dias após dias, em uma forma mais segura de escapar. Deveria ser rápido, silencioso. Toda vez que ia para a cancha, calculava os pontos que deveria percorrer. O último seria a velha canoa que sempre estava ancorada à margem do arroio.

Estava tudo decidido e pronto. No tumulto e gritaria das matanças, desapareceria. Uma vez dentro da canoa, escoaria rio abaixo.

O som do apito, o mugido das rezes, a conversa entre os peões. Iniciava-se a matança, rotina triste e curiosa. Cândido ofegava, não contara a ninguém. Desvencilhou-se por entre carcaças penduradas no varal. Sorrateiro, parte na direção do barco. Chegou até seu transporte, soltou-o com prudência. O barco iniciou seu deslize calmo nas águas. Não levaria nada além de sua roupa. O barco tomou um ritmo mais veloz. Distanciava-se da propriedade.

-Cândido! -alguém gritou.

Viu o capataz montado no cavalo a observá-lo.

-Sai do barco, negro safado! -o capataz gritou outra vez.

Cândido começou a remar em desespero. Apareceu o coronel. Todos gritavam para Cândido. Mas ele não cessava o movimento dos remos. Sentiu seus pés umedecerem. Olhou e viu que entrava água na canoa. Lembrou-se: não sabia nadar. Deu mais impulso às remadas. A água entrava cada vez mais. Afundava-se ao som do chamado do coronel e das gritarias dos peões. Mas Cândido acreditou que não seria difícil, qualquer animal sabia nadar. Atirou-se na água. Deu braçadas desesperadas, mas não saiu do lugar. Afundou. Tentou reagir. Sumiu nas águas turvas. Bolhas subiram à superfície. Um silêncio entre os homens atônitos à situação.

O corpo foi retirado do arroio enquanto boiava, enredado nos cipós, um dia depois. Cândido foi enterrado numa coxilha sem árvores. Uma cruz de bambu marcou o lugar. O coronel, ao lado da esposa, parou em frente ao túmulo. O casal olhou para a cova, a cruz. A mulher abraçou o marido. O homem, lamentando-se, disse:

-Meu dinheiro!

Cândido não virou lenda. Seu nome não foi dito nos contos à beira da fogueira e nas rodas de chimarrão. O túmulo nunca foi visitado, onde logo o tempo tratou de engoli-lo.

MARTINS, Valdomiro. *Guerrilha e solidão*. Porto Alegre: Litteralis, 2008.)